

UMA ANÁLISE DA VELHICE A PARTIR DO CONTO “92” DE DALTON TREVISAN

Maria Aparecida do Nascimento Dias
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
apadias29@yahoo.com.br

Resumo

Quando se fala sobre velhice, normalmente, muitas alcunhas como inutilidade, invalidez, falta de capacidade costumam ser relacionadas às pessoas de idade avançada. Dessa maneira, o velho não raro é visto como alguém que não tem mais produtividade devido a sua condição física, chegando muitas vezes a ser marginalizado e excluído socialmente. Até que ponto o idoso é resignado a um papel silencioso de elemento tolerado pelos outros, enquanto espera a morte? Na velhice, caso o idoso tenha tido filhos no decorrer da sua vida, estes geralmente já tem casado ou mesmo saído do lar por conta dos estudos, trabalho, enfim, deixando, dessa forma, o *ninho vazio*. Mesmo aqueles filhos que se encarregam de cuidar do idoso, nem sempre se dedicam como deveriam; chegando, em muitos casos, a tratá-lo com arrogância, falta de cuidado e proteção devidos. Situações desse tipo podem gerar no sujeito idoso sentimentos de angústia, de solidão, de invalidez, que deságua quase sempre numa atmosfera de muito abandono, confirmando assim um confronto afetivo e de objetivos entre jovens e velhos. O presente trabalho aborda a questão da solidão na velhice a partir do conto “92” de Dalton Trevisan, o qual descreve a descaso para com a pessoa idosa maltratada pelos seus familiares. Nosso objetivo é vislumbrar o abandono votado aos sujeitos idosos observando as marcas da exclusão social, traduzidas pelo discurso literário, bem



como verificar a fragilidade dos laços afetivos entre os idosos e seus familiares, quando há necessidade de cuidado e proteção para com o indivíduo ancião.

Palavras-Chave: Velhice; Abandono; Maus-tratos.

1.0 Introdução

Entendida geralmente como uma etapa da vida cuja fragilidade corporal e mental do indivíduo está em maior evidência, a velhice pode configurar-se como o período mais doloroso da existência, principalmente em uma sociedade globalizada e individualista, na qual notamos que *depende dos outros* para viver se torna cada vez mais difícil. Essa visão de abandono e descaso para com o sujeito idoso será evidenciada no conto “92” de Dalton Trevisan. Objetivamos observar as marcas de abandono social para com o sujeito velho através do discurso literário elucidado no conto supramencionado.

2.0 Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho fizemos a leitura do conto “92” seguida de análise interpretativa do mesmo. Ainda revisamos alguns apontamentos teóricos evidenciados por Bosi (1994); Elias (2001) entre outros autores que exploram discussões sobre a velhice corroborando com a temática evidenciada no conto.

3.0 Análise dos Resultados

Tarde de verão, é levado ao jardim na cadeira de braços – sobre a palhinha dura a capa de plástico e, apesar do calor, manta xadrez no joelho. Cabeça caída no peito, um fio de baba no queixo. Sozinho, regala-se com o trino da corruíra, um cacho dourado de giesta e, ao arpejo da brisa, as folhinhas do chorão faiscando – verde, verde! Primeira vez depois do insulto cerebral aquela ânsia de viver. De novo um homem, não barata leprosa com caspa na sobancelha – e, a sombra leprosa das folhas na cabecinha trêmula, adormece. Gritos: *Recolha a roupa. Maria, fecha a janela. Prendeu o Nero? Rebenta com fúria o temporal. Aos trancos João ergue o rosto, a chuva escorre na boca torta. Revira em agonia o olho vermelho – é uma coisa, que a família esquece na confusão de recolher a roupa e fechar às janelas?* (TREVISAN, Dalton. 92. *Ah é? Rio de Janeiro: Record, 1994*)

O próprio título do conto “92” nos leva a interpretar que a pessoa descrita trata-se de um ancião. Inicialmente o conto mostra o deslocamento de uma pessoa, cujo nome não é mencionado para ficar no jardim. Faz-se interessante notar que embora a personagem esteja ao ar livre possivelmente para tomar um refrigerio, no entanto a mesma encontrava-se sentada em uma cadeira desprevenida de qualquer tipo de conforto “*palhinha dura, capinha de plástico*”.

Desse modo, *sozinho* o idoso passa a contemplar a natureza com todo o seu lirismo e beleza: o canto da corruíra, as folhinhas do chorão, as árvores. Todavia essa atmosfera permeada de beleza e de cores imbuída no verde das folhas, no dourado das folhas da giesta contrasta imensamente com o seu sentimento de solidão. A personagem fica a mercê da negligência familiar, sem ter com quem interagir ou conversar por alguns instantes.

O conto deixa-nos perceber que o idoso em algum momento do passado já tivera sofrido uma paralisia cerebral, e por isso o contato com a natureza parecia ter resgatado a sua ânsia de viver. “*Primeira vez depois do insulto cerebral aquela ânsia de viver*”. (TREVISAN, 1994, p.67). Porém ele logo adormece e só desperta com os gritos de alguém. *Gritos: Recolha a roupa. Maria, fecha a janela. Prendeu o Nero? Rebenta com fúria o temporal.* Nota-se neste momento a insensibilidade dos parentes e a total



indiferença da pessoa cuja única preocupação residia apenas em recolher as roupas do varal mediante a presença da chuva.

O trecho do conto deixa em evidência que a presença do idoso não era notada, pois há um total desprezo familiar pelo ancião, visto que a senhora do texto aligeira-se para fechar as janelas, pergunta por Nero, o qual deveria provavelmente ser o cachorro da família, mas não nota que o idoso estava sendo encharcado pela chuva e ainda por cima tendo um novo derrame cerebral. *“Aos trancos João ergue o rosto, a chuva escorre na boca torta. Revira em agonia o olho vermelho – é uma coisa, que a família esquece na confusão de recolher a roupa e fechar às janelas”?* (idem, 1994, p.67)

O texto permite-nos observar o silenciamento do velho em contraste com a fala da senhora que grita ordenando o retiro das roupas do varal. Somente a fala dela impera no texto em comandos de ordem. O ancião continua em silêncio a mercê da chuva e do descaso que. A frase final do conto é bem emblemática, quando se refere ao idoso como uma “coisa que a família esquece na confusão”. Nesse sentido, ele não é alguém que representa importância, mas uma “coisa” como outra qualquer, que poderia ser desprezada ou mesmo padecendo no descaso.

Numa sociedade em que a valorização do “Eu”, jovem, e o esquecimento do “Outro”, velho, repercute um paradigma que parece colocar o ancião num lugar obsoleto, ou esquecido das relações sociais.

Reiterando esse pensamento de dar o devido valor ao idoso, reconhecendo nele não um ser passivo devido a sua maior “fragilidade” corporal, mas um agente social que ocupa um espaço representativo, Bosi (1994, p.77) pontua que “Além de ser um destino, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”.

Nesta perspectiva, a família deveria ser o lugar, por excelência, onde o idoso deveria sentir-se acolhido, porém nem sempre acontece desta forma. Contudo o conto



em apreço demonstra a situação de abandono do idoso, que ficou mercê do amparo dos outros, sem muita segurança por parte dos seus familiares.

4.0 Conclusão

Evidenciamos através do conto “92” de Dalton Trevisan uma análise sobre o papel que o idoso assume na atualidade, ou seja, um lugar que na teoria pode parecer respeitável, valorizado, reverenciado pela sociedade, mas que na prática confina o velho à solidão, à tristeza e ao descaso, resignando-o ao papel silencioso de elemento tolerado enquanto espera a morte. Conforme as palavras de Bosi (1994, p.77), “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força do trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor”.

Desta maneira, percebe-se que nessas sociedades em que a força do trabalho humano é demasiadamente valorizada, nota-se que quando a pessoa velha já não pode mais “render”, ela pode ser compreendida como alguém sem-valia e por isso desprezada pelos outros que a rodeiam. “Dito de outras maneiras, a identificação com os velhos e moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para pessoas de outras faixas etárias” (ELIAS, 2001, p. 80).

Essas questões parecem se intensificar uma vez que a sabedoria ou experiência vivida pela pessoa velha parece não ser algo visto como progresso, mas “nos períodos em que o poder físico foi priorizado, a pessoa idosa foi alvo de desvalorização”. (SCHARFSTEIN 2003, p.39)

Nesta perspectiva, se o corpo já não produz forças que gerem uma possível lucratividade ao estado, se os padrões de beleza divulgados pela mídia baseiam-se na jovialidade, em que consiste a importância da identidade de um ancião? O próprio



filósofo Cícero (2003, p.32) já assim previa este estigma de inutilidade através do seu questionamento:

A velhice ausenta-nos da administração dos negócios. De quais? Porventura, daqueles que apenas um indivíduo jovem e vigoroso enfrenta? Então não existem negócios que, mesmo os debilitados fisicamente, os idosos não poderiam conduzir mediante a mente?

Se antes a função do idoso era transmitir a herança cultural do seu povo às novas gerações, com a entrada de novos artefatos tecnológicos, valores pautados no consumismo, na modernização, no culto exagerado ao corpo “eternamente jovem”, na atualidade, observa-se que o velho passa a ser visto não mais como um símbolo de autoridade e veneração, mas como um símbolo de peso e estorvo para aqueles encarregados de conviver e porventura cuidar destas pessoas.

Conforme Neri e Cachioni (1999) na velhice o indivíduo fica mesmo mais suscetível a perdas de natureza biológica, psicológica e social, as quais estão diretamente ligadas aos acontecimentos vividos pela pessoa no decorrer de sua vida, bem como a sociedade na qual ela esteve inserida. Dessa maneira, cada sociedade tem sua maneira particular de “enxergar” a velhice e dar o seu devido valor às pessoas dessa faixa etária. Todas essas discussões permite-nos refletir sobre a velhice a partir do conto “92” de Dalton Trevisan , cujo discurso literário nos motiva a averiguar o abandono e a solidão que algumas pessoas velhas enfrentam quando chegam nessa etapa da vida.

5.0 Referências

BOSI, Éclea. Velhice na sociedade industrial. In: **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.

CÍCERO, Marco Túlio. **A velhice saudável**. Coleção grandes obras do pensamento universal. São Paulo: Editora Escala, 2006.

ELIAS, Norbert. Trad. Plínio Dentizien. **A solidão dos moribundos**, seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 103p.

NERI, Anita Liberalesso e CACHIONI, Meire. Velhice bem sucedida e educação In: NERI, Anita Liberalesso e DEBERT, Guita. (Orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1999. p.113-140.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. Do desamparo ao sonho: A reconstrução da identidade social de uma aluna idosa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p.39-65

TREVISAN, Dalton. **Ah é?** Rio de Janeiro: Record, 1994.